

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2019



O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2019



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
B823	<p>O Brasil dimensionado pela história [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-823-6 DOI 10.22533/at.ed.236190312</p> <p>1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 981.65</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes bases, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DO PATRIMÔNIO TERRITORIAL NA AMÉRICA PORTUGUESA	
Wagner Cavalheiro	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903121	
CAPÍTULO 2	11
PATRIMÔNIO: ESPAÇO DIDATIZADO – CASO DO INSTITUTO BRUNO SEGALLA, CAXIAS DO SUL	
Paloma Lava	
DOI 10.22533/at.ed.2361903122	
CAPÍTULO 3	21
O PATRIMÔNIO TERRITORIAL PÚBLICO E OS REGISTROS DOCUMENTAIS	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903123	
CAPÍTULO 4	32
SERRA NEGRA DO NORTE/RN – BERÇO DE UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL-NATURAL ADORMECIDO	
Rita de Cássia Dantas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903124	
CAPÍTULO 5	45
IDENTIDADE E LUGARES DE MEMÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS MONTES GUARARAPES	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2361903125	
CAPÍTULO 6	53
ARQUIVOS, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: OS BENEFÍCIOS E OBSTÁCULOS DESSAS APROXIMAÇÕES	
Railane Antunes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903126	
CAPÍTULO 7	65
NO LINEAR DA PRIMEIRA REPÚBLICA A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL DE MINAS GERAIS (1906–24), O PAPEL DO INSPETOR E DIRETOR	
Sandra Maria de Oliveira	
Betânia Oliveira Larteza Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.2361903127	
CAPÍTULO 8	84
A QUESTÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DE INTERVENÇÕES DO COTIDIANO	
O MONUMENTO ÀS BANDEIRAS E O PÁTIO DA CRUZ	
Editon Mioshi Arakawa Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.2361903128	

CAPÍTULO 9	97
ENSINO DE HISTÓRIA E A PRESENÇA NEGRA NOS TRÓPICOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O CONTO A BOTIJA DE OURO	
Atenor Junior Pinto dos Santos Marcos Ferreira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.2361903129	
CAPÍTULO 10	107
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS ARQUIVOS ESCOLARES COMO POSSIBILIDADE DE PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS	
Vanessa Campos Mariano Ruckstadter Janete Leiko Tanno Flávio Massami Martins Ruckstadter	
DOI 10.22533/at.ed.23619031210	
CAPÍTULO 11	118
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER: A ENTREVISTA COMPREENSIVA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DOS DISCURSOS DE MULHERES EDUCADORAS	
Roselia Cristina de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031211	
CAPÍTULO 12	133
ASPECTOS DA HISTÓRIA DAS CRECHES NA CIDADE DE MARÍLIA/SP, BRASIL: 1940-1997	
Josiane de Moura Dias Marquizeli	
DOI 10.22533/at.ed.23619031212	
CAPÍTULO 13	141
A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: UM BREVE PANORAMA DOS TRABALHOS REALIZADOS EM IJUÍ/RS	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.23619031213	
CAPÍTULO 14	148
BRASIL E ÁFRICA DO SUL NO CONTEXTO DO APARTHEID: RELAÇÕES E RUPTURAS	
Mariana Schlickmann	
DOI 10.22533/at.ed.23619031214	
CAPÍTULO 15	157
ARQUITETURAS DE USO MISTO EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO BAIANO: SISTEMAS CONSTRUTIVOS, PRÁTICAS DE MORAR E TRABALHAR	
José Antônio de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.23619031215	
CAPÍTULO 16	174
HISTÓRIA DA SECA, DA FÉ E DO NORDESTE CANTADA PELO REI DO BAIÃO	
Romero de Albuquerque Maranhão Norberto Stori	
DOI 10.22533/at.ed.23619031216	

CAPÍTULO 17	183
A PAISAGEM AMBIENTAL DE CUBATÃO NAS OBRAS DE NORBERTO STORI	
Romero de Albuquerque Maranhão	
Norberto Stori	
DOI 10.22533/at.ed.23619031217	
CAPÍTULO 18	192
“A PROPRIEDADE PRIVADA É SAGRADA E PONTO FINAL”: A FALA DO PRESIDENTE BOLSONARO AOS RURALISTAS E A VIOLÊNCIA NO CAMPO	
Francivaldo Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.23619031218	
CAPÍTULO 19	200
REPRESENTAÇÕES DO JORNAL <i>O GLOBO</i> SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LEONEL BRIZOLA (1979-1980)	
Marcelo Marcon	
DOI 10.22533/at.ed.23619031219	
CAPÍTULO 20	211
A QUESTÃO CHRISTIE (1861-1863) E O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E A GRÃ-BRETANHA: ECOS NA IMPRENSA, NA PINTURA, NO TEATRO E NA NARRATIVA <i>O DONATIVO DO CAPITÃO SILVESTRE</i> (1893), DO PARAENSE INGLÊS DE SOUSA	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.23619031220	
CAPÍTULO 21	227
O HOMEM QUE CRIOU SHERLOCK HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE ENTRE AS CIÊNCIAS E A LITERATURA	
Jarbas de Mesquita Neto	
DOI 10.22533/at.ed.23619031221	
CAPÍTULO 22	237
ESTÉTICA NEGRA E DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGEM NO CINEMA NEGRO DE SPIKE LEE E ZÓZIMO BULBUL	
Jéfferson Luiz da Silva Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.23619031222	
CAPÍTULO 23	248
CONSONÂNCIAS METODOLÓGICAS NAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA DO CHORO	
Denis Wan-Dick Corbi	
DOI 10.22533/at.ed.23619031223	
CAPÍTULO 24	260
DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO À IGREJA DE SATÃ - AS RESSIGNIFICAÇÕES DO BAPHOMET	
Lívian Mota Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.23619031224	

CAPÍTULO 25	271
KUÑANGUE ATY GUASU ENTRE RITUAIS: A RESISTÊNCIA DAS MULHERES KAIOWÁ E GUARANI NO MS	
Marlene Ricardi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.23619031225	
CAPÍTULO 26	279
O SILENCIO SOBRE AS AFETIVIDADES FEMININAS: ESCRAVIDÃO, GÊNERO E CORPO NO MARANHÃO COLONIAL	
Nila Michele Bastos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.23619031226	
CAPÍTULO 27	293
UM OLHAR SOBRE O URBANO NO BRASIL COLONIAL: IRMANDADES DE NEGROS E ESPACIALIDADE DA POPULAÇÃO ESCRAVA	
Valter Luiz de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.23619031227	
CAPÍTULO 28	305
O VITALISMO E AS ORIGENS DA FISIOLOGIA MODERNA	
Jarbas de Mesquita Neto	
DOI 10.22533/at.ed.23619031228	
CAPÍTULO 29	317
RECOLHIMENTO DOS POBRES DO PÃO DO SANTO ANTÔNIO: POBREZA E ASSISTÊNCIA EM DIAMANTINA, 1901-1910	
Paula Afonso de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031229	
CAPÍTULO 30	330
REDES CEREBRAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA	
Valeria Portugal	
DOI 10.22533/at.ed.23619031230	
CAPÍTULO 31	336
RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL EM GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NA DITADURA CIVIL -MILITAR: CASO VOLKSWAGEN DE SÃO BERNARDO DO CAMPO NO INQUÉRITO CIVIL-PÚBLICO DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL	
Nicole Naomi Handa Nomura	
DOI 10.22533/at.ed.23619031231	
CAPÍTULO 32	341
SEMEANDO AGROECOLOGIA NO TERRITÓRIO MENTAL, CONTRA A MONOCULTURA DA MENTE	
Mônica Chiffolleau	
Juliana Dias	
DOI 10.22533/at.ed.23619031232	
CAPÍTULO 33	348
SÓSMACOS: O MODERNISMO VISTO PELO LADO DE CÁ	
Nelson de Jesus Teixeira Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.23619031233	

CAPÍTULO 34	356
TEM PEOA NO PANTANAL? SIM! NO UNIVERSO LABORAL MASCULINO HÁ ESPAÇO PARA A MULHER	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva Sabrina Sales Araújo Patrícia Helena Mirandola Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.23619031234	
CAPÍTULO 35	368
O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II	
Vera Maria Ferreira Rodrigues Regina Maria Macedo Costa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.23619031235	
CAPÍTULO 36	374
O INSTITUTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA MATEMÁTICA COMO CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL	
Valessa Leal Lessa de Sá Pinto Angelo Santos Siqueira Abel Rodolfo Garcia Lozano Sérgio Ricardo Pereira de Mattos Jhoab Pessoa de Negreiros Tereza Luzia de Mello Canalli Geovane André Teles de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031236	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	385
ÍNDICE REMISSIVO	386

REPRESENTAÇÕES DO JORNAL *O GLOBO* SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LEONEL BRIZOLA (1979-1980)

Marcelo Marcon

Doutorando em História -

Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade de Passo Fundo

Passo Fundo /RS

PALAVRAS-CHAVE: Leonel Brizola. O Globo. Representação.

THE NEWSPAPER *O GLOBO*
REPRESENTATIONS ABOUT THE
DECONSTRUCTION PROCESS OF THE
IMAGE OF LEONEL BRIZOLA (1979-1980)

RESUMO: Este artigo tem por objetivo pesquisar as representações do jornal *O Globo* no processo de desconstrução da imagem de Leonel Brizola, após o seu retorno do exílio em 1979. Após a lei da anistia política, vários exilados voltaram ao Brasil, e, em seu retorno, sofreram um processo de desconstrução de sua imagem e força política, sobretudo por parte da imprensa ligada ao governo militar. O jornal *O Globo*, que durante todo o período de ditadura (1964-1985) permaneceu favorável ao regime, criou um discurso que buscou diminuir a importância de Brizola na reorganização partidária, ao mesmo tempo em que exaltou políticos ligados ao regime. A forma como o jornal atuou será analisada neste artigo para compreendermos como a mídia influenciou neste processo de reorganização política de Leonel Brizola, e para isso, será analisado o conceito de representação através de especialistas no assunto, como Roger Chartier. Utilizaremos ainda o autor Pierre Bourdieu para compreendermos o poder simbólico exercido pelo jornal.

ABSTRACT: This article aims to research the newspaper *O Globo* representations in the process of deconstruction of the image of Leonel Brizola, after his return from exile in 1979. After the law of political amnesty, many exiles returned to Brazil, and, on their return, they experience a process of deconstruction of their image and their political force, especially by the media linked to the military government. The newspaper *O Globo* that during the entire period of dictatorship (1964-1985) remains favorable to the regime, creates a speech that seeks to reduce the importance of Leonel Brizola on party reorganization, while exalting politicians linked to the regime, and for this, we will analyze the concept of representation through subject matter experts, such as Roger Chartier.. We will also use the author Pierre Bourdieu to understand the symbolic power exercised by the newspaper.

KEYWORDS: Leonel Brizola. O Globo. Representation.

1 | INTRODUÇÃO

Com o golpe civil-militar de 1964, Leonel de Moura Brizola, ex-governador do Rio Grande do Sul, se exilou no Uruguai onde permaneceu até o ano de 1977, passando ainda pelos Estados Unidos e Portugal até seu retorno ao Brasil em 1979, por ocasião da anistia política, no contexto de abertura. Ao retornar, Brizola passou a buscar apoio para a recriação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), porém, o Tribunal Superior Eleitoral concedeu a sigla para a ex-deputada Ivete Vargas, e então, Brizola criou o Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Durante este processo de reorganização partidária, Brizola enfrentou um processo de desconstrução política por parte do governo federal e de meios de comunicação, como o jornal *O Globo*, que investiu em estratégias de desqualificação do político gaúcho. Este processo continuou após a criação do PDT, estendendo-se para a campanha e eleição de Brizola como governador do Rio de Janeiro.

As estratégias de desqualificação e desconstrução sofrida por Brizola será alvo de análise neste artigo, através das representações do jornal *O Globo*. Essa pesquisa torna-se relevante no estudo da história política renovada, que utiliza novas fontes, como a imprensa. Este artigo é composto de três capítulos, que promove uma discussão sobre o conceito de representação e poder simbólico; as representações do jornal *O Globo* sobre o retorno de Brizola do exílio e sobre a batalha judicial pela sigla PTB.

2 | DISCUSSÕES SOBRE O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO E PODER SIMBÓLICO

Neste artigo, pretendemos discutir as representações do jornal *O Globo* no período em que Leonel Brizola retornou do exílio e buscou criar um novo partido trabalhista. Para isso, discutiremos os conceitos de representação, e também de poder simbólico, baseado nos trabalhos de Roger Chartier e Pierre Bourdieu, respectivamente.

No artigo “Defesa e Ilustração da noção de representação”, Roger Chartier inicia abordando as definições antigas do conceito de representação. Em 1690, o dicionário da língua francesa definia representação através de duas vertentes. A primeira era definida como uma “imagem que remete aos objetos ausentes, e que nos apresenta tais como são”, em que a representação nos permitiria ver o objeto ausente, substituindo por uma imagem capaz de representa-lo adequadamente (CHARTIER, 2011, p. 16).

A segunda vertente corresponde a uma ideia de representação como demonstração de uma presença, a presença pública de uma coisa ou uma pessoa: O referente e sua imagem formam o corpo, são uma única coisa, aderem um ao outro. “Representação diz-se às vezes das pessoas vivas. Diz-se de um semblante grave

e majestoso: Eis uma pessoa de bela representação” (CHARTIER, 2011, p.17).

Já em 1737, o conceito de “representar” se subdivide entre “fazer presente alguma coisa”, e “exteriorizar alguma coisa, que existe, ou que você imagina”. Chartier atribui a Louis Marin um papel importante na construção do conceito de representação. Marin, ao juntar em sua própria historicidade as duas dimensões da representação moderna, transitiva e reflexiva, deslocou a atenção para estudos em que toda representação se apresenta como representando algo (CHARTIER, 2011, p. 19).

Segundo Chartier,

Assim construído, o conceito de representação foi e é um precioso apoio para que se pudessem assinalar e articular, sem dúvida, melhor do que nos permitia a noção de mentalidade, as diversas relações que os indivíduos ou grupos mantêm com o mundo social: em primeiro lugar, as operações de classificação e hierarquização que produzem as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade; em seguida, as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um status, uma categoria social, um poder; por último, as formas institucionalizadas pelas quais uns “representantes” encarnam de maneira visível, “presentificam” a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade ou a permanência de um poder (CHARTIER, 2011, p.20).

Dessa forma, Chartier explicita como o conceito de representação é eficiente para explicar as relações sociais entre os indivíduos ou em grupos, que apresentam relações de poder, com classificação e hierarquização, representando a realidade e reconhecendo uma identidade social, uma categoria social, um status, um poder.

Assim, reconhecemos como o conceito de representação está diretamente ligado com o de relações de poder, de poder simbólico. Para Pierre Bourdieu,

Num estado do campo em que se vê o poder por toda a parte, como e outros tempos não se queria reconhece-lo nas situações em que ele entrava pelos olhos dentro, não é inútil lembrar que – sem nunca fazer dele, numa outra maneira de o dissolver, uma espécie de círculo cujo centro está em toda a parte e em parte alguma – é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 2002, p.07).

Podemos perceber, a partir dessa definição de Bourdieu, que o poder simbólico é um poder invisível, que só é exercido onde houver sujeitos que não querem saber sobre o poder a qual este é sujeito ou exercem. Dessa forma, o poder simbólico está por toda a parte, pois em todas as sociedades ou onde houver interações humanas haverá relações de poder, relações de hierarquização, onde um sujeito estabelece poder sobre outro.

Nessas interações em que o poder simbólico está envolvido, é que pode ser utilizado o conceito de representação, para exemplificar e representar a realidade a partir das relações sociais e de poder, onde há a luta por um status envolvido.

Nesse artigo, temos o objetivo de discutir as representações do jornal *O Globo*

sobre o retorno de Leonel Brizola do exílio em 1979, e o modo como o jornal atuou na tentativa de desconstruir a imagem de Brizola na sua luta pela reorganização política. As representações do jornal atuam a partir de relações de poder, do objetivo do jornal ao tentar desconstruir o mito Brizola, como veremos adiante.

3 | LEONEL BRIZOLA NO RETORNO DO EXÍLIO: REPRESENTAÇÕES DE O GLOBO

O jornal *O Globo* foi fundado no ano de 1925, por Irineu Marinho, que faleceu poucos dias após seu lançamento, herdando o periódico seu filho Roberto Marinho, que assumiu a direção do jornal no ano de 1931. *O Globo* comemorou o golpe militar de 1964, afirmando que com a fuga de Goulart e a posse de Mazzilli na presidência a “democracia estaria ressurgindo”:

Vive a nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias de opinião sobre problemas isolados, para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem. Graças a decisão e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se do Governo irresponsável, que insistia em arrastá-los para rumos contrários a sua vocação e tradições(O GLOBO, 02 de abril de 1964)

O jornal exalta=ou as forças militares e o uso da violência e da força para tomar o poder, justificando a atitude por “livrar o Brasil do governo irresponsável”, como escrito no editorial. O jornal afirma que com a intervenção militar a “democracia estaria ressurgindo”.

A posição do jornal não foi isolada, outros veículos de comunicação importantes da época também apoiaram o golpe. *O Globo* atualmente afirma que o apoio foi um erro, com uma nota no site do jornal que diz que naquele período, justificava-se a intervenção militar “pelo temor de um outro golpe, a ser desfechado pelo presidente João Goulart, com amplo apoio de sindicatos — Jango era criticado por tentar instalar uma “república sindical” — e de alguns segmentos das Forças Armadas”.

A partir do processo de abertura política e crise econômica do governo militar, e com a anistia e revogação do AI5, *O Globo* permaneceu com um discurso que acompanha o do governo, mesmo que concordando com o reestabelecimento da democracia, não deixa de apoiá-lo, acompanhando o seu discurso e posicionando-se contrário as manifestações populares que pediam o fim do regime (MARCON, 2016).

Brizola, com o golpe militar em 1964, exilou-se no Uruguai, onde permaneceu até o ano de 1977, quando é expulso e partiu para os Estados Unidos, já em 1978 para Portugal, retornando ao Brasil por ocasião da Lei da Anistia, no dia 06 de setembro de 1979.

O início do processo de desconstrução da imagem de Leonel Brizola pelo jornal

O Globo ocorre com o Encontro de Lisboa, em junho de 1979, em que Brizola e outros líderes brasileiros trabalhistas encontram-se para debater as bases de fundação do novo partido trabalhista, um novo PTB, que já em 1980, é concedido ao grupo de Ivete Vargas, e então Brizola e o grupo do encontro de Lisboa criam o Partido Democrático Trabalhista (PDT), que têm como manifesto de criação do partido a Carta de Lisboa, documento oficial do encontro.

Naquele momento, após relato sobre o Encontro de Lisboa, e os problemas que Brizola enfrentaria ao fundar o partido, o jornal apostou em declarações de outros líderes políticos que critiquem Brizola, estratégia que permanecerá até as eleições de 1982, quando ele elege-se governador do Rio de Janeiro. Sobre o encontro, o jornal dá espaço a concorrente da sigla PTB, Ivete Vargas, com o título “Ivete acha que é turismo político” (sobre o Encontro de Lisboa).

-Acho que é um turismo político absolutamente inédito na história do Brasil. Mas não consigo ainda me definir a respeito. Isso porque não sei bem o que é esse encontro, pois não são só petebistas que participam, mas membros de vários organismos de vários países. Isso me faz sentir certa preocupação, pois a legenda PTB está sob a responsabilidade de uma comissão executiva nacional, da qual participo, e a lei é muito clara na proibição e vinculação com governos ou partidos estrangeiros. Essa a posição da ex-deputada Ivete Vargas, a respeito do encontro do PTB do ex-governador Leonel Brizola, iniciado ontem (*O Globo*, 16 de junho de 1979).

Assim, o jornal iniciou um espaço no jornal que destaca a batalha travada entre Brizola e Ivete Vargas, que irá ter definição apenas em maio de 1980, como veremos mais adiante. A declaração de Ivete sobre Brizola atua no sentido de enfraquecer politicamente o ex-governador.

De acordo com João Trajano Sento-Sé, no processo de renovação do trabalhismo na reorganização partidária de 1979, não haveria discussão sobre a pessoa que deveria conduzi-lo, sendo Brizola a principal figura desse movimento, uma vez que foi reconhecido pelos antigos trabalhistas como seu líder, desde 1976, com a morte de Jango. Assim, o objetivo dos brasileiros que se reuniram no Encontro de Lisboa, sob os auspícios do Partido Socialista Português, era o de fundar um novo partido trabalhista, tomando do antigo PTB o que havia de positivo, sob o comando de Brizola, herdeiro do legado de Vargas e Goulart (SENTO-SÉ, 2007, p. 433).

O autor afirma que a aproximação de Brizola com a Internacional Socialista, por intermédio de Mário Soares, era desejo do próprio Brizola e de alguns jovens brasileiros exilados para aproximar esse novo trabalhismo com as correntes mais avançadas da esquerda europeia. No encontro de Lisboa, também estavam presentes representantes da Ação Democrática da Venezuela, da Frente Sandinista da Nicarágua, do Partido Revolucionário Institucional (PRI) mexicano, do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), de lideranças políticas da Guiné, de São Tomé e de outros países africanos (SENTO-SÉ, 2007, p. 438).

A presença de lideranças desses países insere-se em uma atmosfera que se assemelha aos dos movimentos dos países não-alinhados que movimentaram os anos de 1950 e 1960, ou seja, a intenção era mostrar ser uma terceira via, da qual os brasileiros presentes no Encontro tomaram parte (SENTO-SÉ, 2007, p. 438).

O encontro de Lisboa proporcionou a Brizola organizar as bases do novo partido trabalhista. Ao manter contato com os principais líderes da socialdemocracia europeia, e fazer parte da Internacional Socialista, Brizola passou a compartilhar desta ideologia, voltando do exílio como um socialdemocrata.

O jornal *O Globo* do dia 07 de setembro de 1979 trouxe em sua capa uma pequena nota sobre a volta de Brizola, com o título “Brizola volta e diz que não quer revanche”, o jornal mencionou que o ex-governador se diz “despido de qualquer intenção revanchista”, retornando após um exílio de 15 anos e já no mesmo dia realizaria um discurso na cidade de São Borja, local onde estão sepultados os corpos dos ex-presidentes Getúlio Vargas e João Goulart (*O Globo*, 07 de setembro de 1979).

De acordo com Sento-Sé, a chegada de Brizola frustrou as expectativas de quem esperava grandes multidões:

Apesar do entusiasmo, sua presença não chegava a criar as situações de comoção que as previsões mais exaltadas supunham. O risco de um esgotamento precoce, provocado pela aparência repetida em atos públicos e comícios comemorativos de seu retorno, era uma variável a ser levada em conta, e acabou por fazer prevalecer uma postura menos ruidosa do que pareciam desejar os grupos mais exaltados. O carisma era um bem finito, que deveria ser usado com parcimônia (SENTO-SÉ, 1999, p. 87).

Como dito anteriormente, o discurso do jornal buscou acompanhar o discurso estabelecido pelos militares, que após os anos da chamada “linha dura”, buscava criar uma nova aparência para o governo, que estaria disposto a colaborar com o retorno da democracia. Nos anos anteriores, *O Globo* defendeu o regime e criticou todas as manifestações contrárias, sendo que já próximo a 1979, o jornal pretendeu mostrar que também defendia democracia, porém, não deixou de acompanhar o discurso do governo.

Apesar do jornal realmente fazer pouca menção especificamente sobre seu retorno, Brizola voltou com menos força política. Como estuda Carlos Fico, o exílio provocou um esfriamento nos principais líderes de oposição. Em 1964, Brizola estava no auge de sua carreira política, sendo governador do Rio Grande do Sul, e com uma grande quantidade de seguidores.

Ao voltar, Brizola teve dificuldades em conseguir aliados, em registrar seu partido, e apesar de conseguir eleger-se governador do Rio de Janeiro em 1982, não conseguiu alcançar o mesmo prestígio político anterior ao golpe.

O esfriamento do poder político de Brizola não ocorreu apenas por intenção dos militares. Também parte da imprensa passou a criar notícias que mostravam a dificuldade enfrentada por ele para retomar seu prestígio político. Já no dia 11 de

setembro de 1979, *O Globo* publicou uma matéria afirmando que Brizola já teria desistido de comícios que realizaria em Porto Alegre, com um tom em que expressa que o ex-governador não conseguiria sua força política de volta.

Na mesma reportagem, o jornal traz uma forte crítica do então deputado Newton Cardoso (MDB – MG) à Brizola, dizendo que:

“É o Carlos Lacerda dos novos tempos” – e criticou –o por ter voltado para o Brasil “para dividir e não para somar”. –Brizola, disse o deputado mineiro –está fazendo o Jogo do Governo, e poderia ter ficado, por isso mesmo, uns 30 anos no exílio, já que depois de 15 anos mostrou não ter aprendido nada. Para Newton Cardoso, “ele não trouxe nenhuma mensagem, não conseguir reunir quase ninguém para seu comício, e por isso mesmo não pode ser líder”. –Pessoalmente, disse, não me considero líder, mas se grito nas minhas bases, reúno de uma hora pra outra mais de cinco mil pessoas (*O Globo*, 11 de setembro de 1979).

De acordo com Patrick Charaudeau,

É na estigmatização da origem do mal que é preciso inscrever também as estratégias de desqualificação do adversário, sendo este um dos polos constitutivos do discurso político. As estratégias de desqualificação são utilizadas com a ajuda de diferentes procedimentos discursivos. [...] O sujeito político que combate um adversário deve rejeitar os valores opostos aos preconizados por este, mostrando uma boa argumentação e fraqueza ao perigo dessas ideias. Mas uma argumentação muito pesada, complexa ou sutil corre o risco de não ser compreendida pela massa dos cidadãos. É por isso que, frequentemente, em política, a argumentação se reduz a esse procedimento de ataques *ad hominem*, que questiona a probidade do adversário, suas contradições, sua incapacidade de manter promessas, suas alianças nefastas e sua dependência diante da ideologia de seu partido (CHARAUDEAU, 2015, p.92).

É dessa forma que atuou o discurso do jornal *O Globo* em relação ao retorno de Brizola, na tentativa de desqualifica-lo. Principalmente, questionando sua ideologia política, suas alianças e sua incapacidade em construir projetos políticos, ignorando o fato de ter sido exilado por 15 anos, interrompendo o auge de sua carreira.

Assim, *O Globo* buscou minimizar a influência de Brizola na futura recomposição partidária, principalmente com as declarações de outros políticos citadas acima. Este pensamento perdurou na perda da sigla para Ivete Vargas, na criação do PDT, e na campanha para eleição ao governo do Rio de Janeiro, alterando apenas quando da virada nas pesquisas eleitorais favoráveis à Brizola.

Para entendermos a forma como *O Globo* atua em suas representações sobre Brizola, cabe trazer o pensamento de Roger Chartier:

Fundada sobre o primado da liberdade do sujeito, pensado como livre de toda e qualquer determinação, e privilegiando a oferta de ideias e aparte refletida da ação, uma tal posição obstina-se numa dupla importância: ignora as exigências não sabidas pelos indivíduos e que no entanto regulam –aquém dos pensamentos claros e muitas vezes apesar deles – as representações e as ações; supõe uma eficácia própria às ideias e aos discursos, separados das formas que os comunicam, destacados das práticas que, ao se apropriarem deles, os investem de significações plurais e concorrentes (CHARTIER, 1991).

Esta afirmação de Chartier torna-se importante para compreendermos como as relações sociais presentes nas representações está condicionada a intenção e

ao posicionamento de seus criadores. Ao afirmar que as formas de representação podem e fazem, por diversas vezes, ignorar as exigências desconhecidas pelos indivíduos e impor uma eficácia própria às ideias e aos discursos, Chartier exemplifica as intenções por trás dos discursos de representações.

É dessa forma que atuou o jornal *O Globo* em relação ao retorno de Brizola do exílio, criando um discurso em que traz diversos críticos e contestadores do ex-governador para legitimar a ideia do seu enfraquecimento político. O jornal, que permaneceu aliado ao governo ditatorial, preocupou-se com a volta e o discurso ríspido de Brizola, e os efeitos que isto poderia causar no governo.

Na vida política, os cidadãos comuns permanecem reduzidos ao status de consumidores, afastados do local em que acontecem as ações, apenas consumindo os produtos políticos que os sujeitos envolvidos fabricam. Assim, a imprensa atua como um intermediário que descreve os acontecimentos políticos da maneira que lhe acha conveniente.

O Globo, portanto, atuou de acordo com essa premissa na desqualificação da imagem de Leonel Brizola e para isso, criou um discurso onde as representações sobre o mito Brizola precisam ser destruídos, trazendo inúmeras matérias que citam opiniões de líderes políticos que criticam o ex-governador.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, seu novo território político, Brizola rejeitou a possibilidade de ingresso no MDB, firmou sua posição à esquerda do espectro político, afirmou a incompatibilidade do ideário trabalhista com o marxismo, e mostrou boa assimilação da agenda social democrata europeia, com menções às minorias, as mulheres, aos negros, e as populações indígenas (SENTO-SÉ, 1999, p. 88).

Estabelecido politicamente e com o objetivo de reconstruir o Partido Trabalhista Brasileiro, Brizola travou com Ivete Vargas uma batalha judicial pelo destino da sigla. *O Globo*, apesar de alegar neutralidade, cria notícias e editoriais em que posiciona-se favorável ao grupo de Ivete Vargas, em uma nova tentativa de desconstrução da imagem de Brizola.

4 | DISPUTA JUDICIAL PELA SIGLA PTB: REPRESENTAÇÕES DE O GLOBO

Na virada do ano de 1979 para 1980, o grupo de Leonel Brizola, composta por três deputados brizolistas, Lidovino Pantan (RS), Getúlio Dias (RS) e Murilo Mendes (AL), estudantes e assessores parlamentares, permaneceram por 61 horas para serem os primeiros a requerer registro da sigla PTB. O jornal *O Globo*, do dia 03 de janeiro de 1980, noticia o registro com o título “Após vigília, PTB de Brizola pede registro”:

Ao todo, o plantão petebista na varanda do PTB consumiu 61 horas: até a madrugada de ontem, ele era mantido por estudantes e assessores parlamentares, que comemoraram a passagem do ano com sanduíches e refrigerantes –sem champanhe, insistiram todos, porque o PTB é um partido dos trabalhadores”. O

objetivo do plantão era evitar que a ex-deputada Ivete Vargas chegasse antes com seu requerimento de registro de um outro PTB (*O Globo*, 03 de janeiro de 1980).

Já no dia seguinte, 04 de janeiro, o jornal publicou um editorial em que ataca o grupo brizolista e o critica por pregar um falso apoio aos trabalhadores. Com o título de “À saúde do PTB”, o jornal publica:

Numa vigília que demorou 61 horas, dirigentes do PTB fizeram plantão à porta do TSE a assim garantiram primazia no registro da sigla partidária. A maratona atravessou a passagem do ano, comemorada com refrigerantes mas sem champanha porque, explicaram zelosamente os participantes, “o PTB é o partido dos trabalhadores”. Pois não haveria desdouro se espoucassem algumas garrafas, que certamente podiam financiar. O melhor partido dos trabalhadores, tenham certeza os próceres petebistas, não é aquele que desdenha a champanha, mas sim o que luta para coloca-lo ao alcance dos trabalhadores (*O Globo*, 04 de setembro de 1980).

Percebemos, dessa forma, que o jornal posicionou-se favorável ao grupo de Ivete Vargas, ao criticar deliberadamente o grupo de Brizola, criticando o tempo em que os partidários de Brizola permanecem na frente do TSE para registrar o partido e, principalmente, pela recusa a champanhes na virada do ano, acusando os dirigentes de uma falsa defesa aos trabalhadores.

Decorrendo alguns meses de processo judicial, o governo decidiu, no dia 13 de maio, conceder a sigla PTB para o grupo de Ivete Vargas. Para Sento-Sé, se Brizola contava com uma memória política nacional que o caracterizava como herdeiro do último PTB, Ivete tinha a seu favor o trânsito fácil no governo federal e a amizade com o general Golbery. De fato, a decisão parte do general Golbery, com o objetivo de enfraquecer politicamente Brizola, inimigo do regime, enquanto Ivete não se caracterizava como forte opositorista.

Para Thomas Skidmore, o novo PTB, agora sob comando de Ivete Vargas, sobrinha-neta de Getúlio Vargas, “era uma pálida cópia do seu antecessor de antes de 1964 e suas perspectivas não pareciam ser de longa sobrevivência, embora contasse com alguns bolsões de apoio disseminados através do país”. Uma semana após a perda da sigla, Brizola cria o Partido Democrático Trabalhista (PDT), após uma divergência no nome da sigla, que inicialmente foi denominada de PTD.

O manifesto de criação do Partido Democrático Trabalhista apontou o partido como o “verdadeiro herdeiro do trabalhismo”, sendo muito parecido com a Carta de Lisboa, de modo que para o PDT, o encontro em Lisboa foi o fundador do partido, embora naquele momento Brizola estivesse certo que estava recriando o PTB.

A estratégia do jornal permaneceu nas campanhas eleitorais de 1982, em que Brizola concorre e se elege governador do Rio de Janeiro. Durante as campanhas, *O Globo* considerava o PDS e o PMDB como partidos grandes com chance de vitória, enquanto tratava o PDT, o PT e o PTB como partidos pequenos. O discurso do jornal muda apenas quando Brizola dispara do 4º para o 1º lugar nas pesquisas eleitorais, jpa em vésperas de eleição, quando passa a denominar o PDT como um partido em

ascensão.

De acordo com Roger Chartier,

A relação de representação é, desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada (CHARTIER, 1999).

Desse modo, podemos entender que *O Globo*, enquanto fabricante de representações de imprensa, cria um discurso onde, facilitado pelo clima instável em que encontra-se a população, repete constantemente as mesmas ideias, de que Brizola voltara enfraquecido, de que seu partido estava em crise e que apenas PDS e PMDB, com ênfase maior no PDS sairiam vitoriosos nos pleitos eleitorais.

Já segundo Pierre Bourdieu,

O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformadora, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico (BOURDIEU, 2002, p. 15).

Desse modo, o discurso do jornal *O Globo* está interligado nas relações de comunicação com o mundo social, através do poder material e simbólico em que este está subordinado. Nesse contexto, existe uma relação de luta simbólica, diferentes classes envolvidas, onde manipula-se a realidade conforme seu interesse, estando à imprensa, nesse caso, o jornal *O Globo* como um dos principais órgãos disseminadores dos interesses das classes dominantes.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, o processo de desconstrução da imagem de Brizola após seu retorno do exílio, no ano de 1979, pelo jornal *O Globo*, é marcado pela ideia de enfraquecimento político de Brizola, em que o jornal criou diversas notícias e matérias em que traz declarações de líderes políticos que desqualificam o personagem Brizola e o seu novo projeto trabalhista.

Ao utilizar-se de um poder simbólico que exerceu, como meio de comunicação de grande circulação da época, e ligado desde o início ao governo militar, *O Globo* buscou difundir ao leitor a ideia de desprestígio político de Brizola e de crise em seu partido, exaltando o partido do governo, PDS, e desqualificando a política brizolista.

Atuando como um intermediário entre os agentes políticos e o cidadão comum, o jornal criou um discurso baseado em seus próprios interesses, e, portanto, suas representações seguem no mesmo sentido, de desqualificar e desconstruir a imagem e o mito Leonel Brizola. Por meio das relações sociais e as relações de comunicação do período, o jornal difunde essa ideia e beneficia-se da sua condição e do alcance de suas publicações para defender o discurso proposto pelo regime militar.

Apesar de enfrentar todas essas tentativas de desqualificações e desconstrução de sua imagem, Brizola conseguiu voltar a cena política ao eleger-se, após uma grande virada, como governador do Rio de Janeiro, seu novo território político, no ano de 1982. Entretanto, Brizola não conseguiu retornar ao prestígio do período anterior ao golpe de 1964, e morreu, em 2004, sem conseguir alcançar o principal objetivo após o retorno do exílio, o de chegar ao poder federal.

REFERÊNCIAS

ACERVO DO JORNAL *O GLOBO*. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com>

ARÊAS, João Braga. *Batalhas de O Globo (1989-2002): O neoliberalismo em questão*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

BILHÃO, Isabel (org.). *Visões do Brasil: realidade e perspectivas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros: discurso e práxis dos seus programas*. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Discurso Político*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARTIER, Roger. *Defesa e Ilustração da noção de representação*. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados* vol.5 no.11 São Paulo Jan./Apr. 1991.

MARCON, Marcelo. O retorno de Leonel Brizola do exílio em 1979: Discursos de *O Globo*. *Revista Labirinto*, ano XVI, v.24, n.1. (Jan-Jun), 2016. p. 339-362.

REMOND, René. *Por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999.

_____. *Um encontro em Lisboa*. O novo trabalhismo do PDT. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Coord). *Revolução e democracia (1964--)*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil ; 3).

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: De Castelo a Tancredo (1964-1985)*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

DENISE PEREIRA - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

MARISTELA CARNEIRO- Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 3, 6, 26, 42, 50, 56, 57, 58, 59, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 76, 80, 82, 102, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 160, 161, 301, 321, 322, 369

África do Sul 148, 149, 150, 151, 154, 155

Arquitetura 32, 143, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Arquivo 1, 21, 26, 27, 29, 30, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 77, 78, 81, 87, 111, 113, 115, 116, 117, 144, 243, 258, 371

Arquivos escolares 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116

Arquivos municipais 1

B

Bens patrimoniais 50, 55, 107, 108

Berçário “Mãe Cristina” 133, 134, 135, 137, 138

Burocracia 8, 65, 70, 80

C

Cidadania 11, 12, 15, 16, 19, 56, 152, 153

Cidade 1, 5, 8, 12, 13, 14, 16, 21, 26, 35, 40, 41, 42, 56, 68, 77, 78, 80, 84, 85, 86, 87, 91, 93, 95, 96, 98, 102, 106, 109, 111, 114, 120, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 147, 157, 158, 160, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 179, 184, 185, 186, 187, 205, 218, 221, 223, 224, 226, 227, 229, 260, 268, 282, 288, 293, 296, 300, 301, 302, 303, 317, 319, 321, 323, 354, 359, 361

Construir 23, 85, 87, 101, 110, 123, 147, 157, 158, 172, 206, 209, 337, 341, 342, 345, 357

Creche 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 10, 12, 13, 16, 20, 27, 29, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 43, 50, 55, 60, 61, 63, 68, 81, 82, 89, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 112, 113, 115, 117, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 147, 151, 153, 154, 157, 161, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 183, 190, 241, 242, 247, 249, 253, 259, 272, 273, 275, 276, 279, 281, 282, 291, 292, 343, 345, 347, 350, 355, 359, 360, 365, 366, 367, 372, 373, 376, 382, 384, 385

Culturas políticas 148, 149, 151, 154, 155

E

Educação patrimonial 11, 12, 13, 16, 19, 20, 53, 54, 55, 56, 63, 107, 108, 109, 112, 113, 117

Ensino 12, 13, 18, 19, 20, 39, 53, 54, 55, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 111, 112, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 147, 261, 270, 356, 368, 370, 371, 372, 374, 375, 379, 380, 381, 385

Ensino de história 12, 18, 19, 20, 53, 54, 97, 102, 105, 261, 270

Ensino primário 65, 66, 69, 80, 82

Estudos africanos 148, 155

Exército brasileiro 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 125, 144, 147

F

Fiscalização 26, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 80

Fontes históricas 6, 11, 17, 18, 20, 67, 113, 115, 318

G

Grupo escolar 65, 66, 68, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 167

H

História 2, 3, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 40, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 63, 66, 67, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 164, 165, 171, 172, 173, 174, 175, 182, 183, 190, 191, 192, 200, 201, 204, 210, 211, 213, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 240, 242, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 270, 271, 272, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 290, 291, 292, 294, 296, 301, 303, 304, 318, 324, 328, 329, 355, 356, 358, 360, 361, 364, 365, 366, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 376, 377, 379, 381, 382, 383, 384, 385

História da educação 66, 67, 82, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 133, 134, 139

História do tempo presente 148

História militar 141, 142, 143, 144, 147

Historiografia 6, 21, 100, 110, 114, 117, 127, 141, 142, 143, 146, 147, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 280, 281, 282, 290, 292, 294, 336, 339, 376, 383

I

Identidade 2, 3, 10, 12, 13, 19, 22, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 57, 63, 70, 95, 96, 100, 101, 103, 106, 108, 113, 114, 143, 149, 153, 157, 161, 172, 202, 216, 222, 241, 243, 244, 245, 246, 253, 258, 275, 281, 289, 291, 333, 334, 343, 346, 350, 355, 364, 366, 384

Instituições confessionais 133

Interdisciplinaridade 2, 174, 183

Intervenção 84, 95, 106, 162, 203, 223, 354

L

Lei 10639/03 97, 98

Luiz Gonzaga 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

M

Memória 11, 12, 13, 19, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 82, 84, 85, 87, 93, 95, 96, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 123, 125, 127, 129, 133, 142, 144, 151, 157, 172, 173, 174, 208, 219, 248, 250, 252, 254, 255, 256, 258, 259, 292, 303, 319, 320, 323, 324, 333, 334, 340, 350, 364, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 378

Montes Guararapes 45, 46, 47, 48, 49, 51

Monumento às bandeiras 84, 85, 86, 87, 91, 92, 95, 96

Morar 77, 157, 158, 165, 166, 172, 177

Município 1, 3, 4, 5, 6, 9, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 53, 57, 72, 73, 128, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 160, 162, 186, 273, 274, 275, 361

Música 98, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 184, 216, 219, 225, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257, 258, 259

P

Pátio da cruz 84, 85, 90, 93, 94, 95

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 62, 63, 84, 91, 95, 96, 107, 109, 110, 113, 115, 116, 117, 134, 149, 157, 161, 171, 172, 173, 177, 294, 298, 299, 300, 369, 371

Patrimônio cultural 1, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 30, 41, 49, 52, 54, 63, 96, 109, 113, 149, 157, 172

Patrimônio territorial 1, 3, 4, 5, 7, 9, 21, 22, 24, 25, 26

Potencialidades 23, 32, 40, 41, 44

Presença negra 97, 98, 99, 240

R

Registros documentais 21

Relações internacionais 148, 149, 150, 155

S

São Francisco do Sul 1, 9, 10, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30

Serra Negra do Norte 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44

Sociedade 1, 4, 12, 19, 22, 23, 24, 29, 32, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 102, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 121, 124, 125, 126, 127, 142, 143, 145, 152, 153, 157, 159, 160, 161, 171, 172, 173, 190, 194, 195, 197, 198, 226, 230, 238, 240, 244, 254, 256, 275, 276, 279, 281, 286, 291, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 301, 302, 303, 318, 320, 321, 322, 323, 333, 346, 347, 355, 361, 365, 368, 372, 373, 374, 378, 381, 382

T

Trabalhar 42, 63, 79, 100, 101, 123, 127, 137, 157, 158, 160, 165, 166, 172, 177, 279, 307, 308, 361, 362, 369

Turismo sustentável 32, 41

V

Vigésio Sétimo 27º Grupo de Artilharia de Campanha 141, 142, 144

Vila 1, 5, 8, 21, 26, 41, 160, 168, 283

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-823-6



9 788572 478236